ISSN: 2358-8829

UM ENCONTRO COM O FUTURO: LETRAMENTO CIENTÍFICO E APROXIMAÇÃO ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE

Andressa Tamires Araújo Gomes[11]

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB durante a Semana do Meio Ambiente, realizada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o objetivo de promover o letramento científico por meio da aproximação entre escola e universidade. A proposta partiu da compreensão de que a aprendizagem científica precisa ultrapassar a memorização de conceitos e criar oportunidades para que os estudantes observem fenômenos, formulem perguntas, interpretem informações, dialoguem com pesquisadores e relacionem conhecimentos científicos a questões socioambientais. A experiência articulou momentos de preparação em sala de aula, vivência no ambiente universitário, incluindo visita ao Departamento de Biologia, contato com espaços e atividades de divulgação científica, interação com pesquisadores e produção de registros reflexivos. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa e caráter descritivo-reflexivo. Os resultados apontaram maior envolvimento dos estudantes com práticas científicas, ampliação do repertório sobre possibilidades acadêmicas e profissionais e fortalecimento da percepção da universidade como espaço acessível de formação, pesquisa, extensão e transformação social. A experiência também favoreceu reflexões sobre questões ambientais e sobre o papel da ciência na compreensão e enfrentamento de problemas contemporâneos. Conclui-se que a articulação planejada entre escola, universidade e espaços de divulgação científica pode contribuir para o desenvolvimento do letramento científico e para a construção de vínculos dos estudantes com a cultura científica e com a continuidade dos estudos.

Palavras-chave: LETRAMENTO CIENTÍFICO; APRENDIZAGEM INVESTIGATIVA; METODOLOGIAS ATIVAS; EDUCAÇÃO AMBIENTAL; ENSINO DE CIÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

A educação científica contemporânea é desafiada a formar sujeitos capazes não apenas de reconhecer conceitos e definições, mas de utilizar conhecimentos, procedimentos e argumentos científicos para compreender situações concretas, avaliar informações e participar de decisões que afetam a vida individual e coletiva. Nesse sentido, ensinar Ciências implica criar condições para que os estudantes percebam a ciência como uma construção humana, social e histórica, relacionada a problemas reais e produzida por comunidades que observam, questionam, investigam, discutem evidências e comunicam resultados.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece, para o ensino de Ciências da Natureza, a importância de observar o mundo, formular perguntas, analisar problemas, propor hipóteses, planejar investigações, realizar atividades de campo, avaliar informações, construir argumentos com base em evidências e comunicar resultados (BRASIL, 2018). Essa perspectiva amplia a compreensão do ensino de Ciências, deslocando-o de uma prática centrada exclusivamente na transmissão de conteúdos para

[1] Professora de Ciências/Biologia da rede municipal de ensino de Barra de Santana-PB. E-mail: atag.biologia@gmail.com

ISSN: 2358-8829

uma formação que envolve investigação, argumentação, comunicação e participação social.

Essa discussão aproxima-se do conceito de letramento científico, entendido neste trabalho como a capacidade de mobilizar conhecimentos e práticas das Ciências para interpretar fenômenos, avaliar informações, argumentar e agir diante de questões relevantes. Sasseron e Carvalho (2011) destacam que a alfabetização científica envolve dimensões relacionadas à compreensão de conceitos, à compreensão da natureza da ciência e às relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente. Embora diferentes expressões sejam utilizadas na literatura, como alfabetização científica, letramento científico e cultura científica, há uma convergência em torno da necessidade de superar um ensino baseado exclusivamente na memorização.

No cenário atual, essa discussão ganha ainda mais relevância diante da circulação intensa de informações científicas e pseudocientíficas nos meios digitais. A matriz de Ciências do PISA 2025 destaca competências relacionadas à explicação de fenômenos cientificamente, à construção e avaliação de investigações e à interpretação crítica de dados e evidências. Também enfatiza a necessidade de pesquisar, avaliar e utilizar informações científicas para tomada de decisão e ação, incluindo questões relacionadas ao ambiente (OECD, 2025).

Apesar dessas demandas, a experiência escolar dos estudantes nem sempre permite contato direto com espaços de produção e divulgação científica. Para muitos jovens, a universidade permanece associada a uma etapa posterior e distante de sua trajetória. Essa distância simbólica pode ser reduzida quando a escola cria oportunidades para que os estudantes conheçam laboratórios, departamentos, pesquisadores, projetos e diferentes percursos de formação.

Nesse sentido, a Universidade Estadual da Paraíba constitui um importante espaço de aproximação entre a Educação Básica e a produção científica. Em atividades da Semana do Meio Ambiente, o Departamento de Biologia da UEPB tem recebido estudantes de escolas públicas para experiências envolvendo exposições biológicas, jogos educacionais, mostras de pesquisa, laboratórios e interação com pesquisadores. A própria universidade destaca como finalidade dessas ações despertar o interesse dos jovens pela Ciência e aproximar a sociedade das atividades desenvolvidas pela instituição.

Foi nesse contexto que se desenvolveu a experiência pedagógica intitulada “Um Encontro com o Futuro: letramento científico e aproximação entre escola e universidade”. A atividade foi realizada com estudantes do Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB, durante a Semana do Meio Ambiente da UEPB.

A proposta partiu da compreensão de que uma visita à universidade pode ultrapassar o caráter de passeio pedagógico quando é planejada como uma experiência investigativa. Assim, antes da visita, os estudantes foram preparados para observar, formular perguntas e registrar suas descobertas. Durante a vivência, tiveram contato com espaços universitários, atividades científicas e sujeitos envolvidos na produção e divulgação do conhecimento. Posteriormente, as experiências foram retomadas e discutidas em sala de aula.

ISSN: 2358-8829

O objetivo geral foi promover o letramento científico dos estudantes por meio da aproximação entre escola e universidade, utilizando a vivência em espaços de produção e divulgação científica como estratégia pedagógica.

Como objetivos específicos, buscou-se favorecer a compreensão da ciência como prática social; estimular a curiosidade e a formulação de perguntas; ampliar o contato dos estudantes com pesquisadores e ambientes universitários; relacionar conhecimentos de Ciências a questões ambientais; desenvolver registros reflexivos sobre a experiência; e ampliar o repertório dos estudantes acerca de possibilidades de formação acadêmica e atuação profissional na área científica e ambiental.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de letramento científico ocupa lugar central na discussão sobre as finalidades do ensino de Ciências. A educação científica não se limita à aquisição de vocabulário ou à memorização de leis, conceitos e classificações. Trata-se de desenvolver possibilidades de interpretar situações, formular explicações, avaliar evidências e utilizar conhecimentos científicos em contextos sociais.

Sasseron e Carvalho (2011), ao discutirem diferentes perspectivas sobre alfabetização científica, identificam eixos relacionados ao domínio de conceitos, à compreensão da natureza da ciência e às relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente. Esses elementos oferecem uma base importante para propostas pedagógicas em que os estudantes tenham oportunidades efetivas de participar de práticas de investigação e argumentação.

Neste trabalho, o termo letramento científico é utilizado por enfatizar a utilização social dos conhecimentos científicos. A ideia de letramento desloca o foco de simplesmente "saber Ciências" para a capacidade de utilizar conhecimentos e práticas científicas em situações concretas.

Isso significa que aprender Ciências envolve, por exemplo, compreender informações sobre biodiversidade, saúde, água, mudanças climáticas, resíduos, alimentação e tecnologias, mas também saber avaliar fontes, reconhecer evidências, questionar informações e relacionar conhecimentos científicos a situações vivenciadas na comunidade.

A BNCC reforça essa perspectiva ao apresentar o ensino de Ciências da Natureza como oportunidade para observar fenômenos, fazer perguntas, formular hipóteses, planejar investigações, desenvolver atividades de campo, analisar dados, avaliar informações, elaborar explicações e construir argumentos baseados em evidências (BRASIL, 2018).

A aprendizagem investigativa constitui outra dimensão importante da proposta. Em uma abordagem investigativa, o estudante é colocado diante de questões que demandam observação, levantamento de possibilidades explicativas, busca de informações, confronto de ideias e construção de conclusões.

A visita universitária, quando acompanhada de questões orientadoras, pode funcionar como uma situação investigativa. O estudante observa um ambiente desconhecido,

identifica elementos, formula perguntas, procura explicações e posteriormente reorganiza aquilo que aprendeu.

Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009) defendem a necessidade de um ensino de Ciências que considere os conhecimentos dos estudantes e estabeleça relações entre conceitos científicos e situações significativas. Essa perspectiva ajuda a compreender que o contato com a universidade deve estar inserido em uma sequência pedagógica, e não ocorrer de maneira isolada.

A preparação anterior cria expectativas e perguntas; a vivência permite coletar impressões e informações; e a etapa posterior possibilita sistematizar, discutir e ressignificar o conhecimento construído. As metodologias ativas também oferecem suporte à proposta. Seu princípio não consiste simplesmente em deslocar o estudante para fora da sala de aula, mas em criar situações nas quais ele assuma papel mais ativo no processo de aprendizagem.

Observar, registrar, perguntar, dialogar, interpretar e comunicar são ações que favorecem participação e autoria. Nesse sentido, o diário de campo funciona como instrumento de sistematização e reflexão, pois convida o estudante a reconhecer o que percebeu, o que não compreendeu, quais perguntas surgiram e de que maneira a experiência modificou suas ideias.

Outro eixo teórico refere-se aos espaços não formais de educação. Jacobucci (2008) destaca que diferentes espaços podem contribuir para a formação da cultura científica e para a divulgação do conhecimento. A universidade, embora seja uma instituição formal de ensino superior, pode constituir-se como espaço educativo não escolar quando recebe estudantes da Educação Básica em atividades de divulgação, extensão, visitas, exposições e ações de popularização da ciência.

O caráter educativo da experiência não depende apenas do espaço visitado, mas principalmente da intencionalidade pedagógica, da mediação e das relações estabelecidas entre os sujeitos e os conhecimentos presentes naquele ambiente.

A educação ambiental constitui outro eixo articulador da proposta. A participação em uma Semana do Meio Ambiente possibilita relacionar conhecimentos biológicos e ecológicos com questões sociais, culturais e territoriais.

A matriz do PISA 2025 também relaciona a educação científica à análise de problemas socioecológicos, avaliação de evidências e construção de ações sustentáveis (OECD, 2025). Dessa forma, a educação ambiental pode ser integrada ao letramento científico quando os estudantes são estimulados a compreender problemas, analisar informações e pensar possibilidades de ação.

Por fim, a aproximação entre escola e universidade possui uma dimensão formativa e social. Quando estudantes conhecem pesquisadores, professores, laboratórios e diferentes áreas científicas, podem ampliar suas representações sobre quem produz ciência e sobre quais caminhos acadêmicos e profissionais são possíveis.

ISSN: 2358-8829

O contato não determina uma escolha profissional, mas amplia o repertório de possibilidades. Nesse sentido, o encontro com a universidade pode ser compreendido como experiência de formação científica, cidadã e também de construção de perspectivas para o futuro.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-reflexivo. A experiência foi desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental II pertencentes à rede municipal de ensino de Campina Grande-PB, no contexto de uma atividade da Semana do Meio Ambiente realizada na Universidade Estadual da Paraíba.

O percurso metodológico foi organizado em três etapas articuladas: preparação na escola, vivência no espaço universitário e sistematização posterior.

Na primeira etapa, realizada antes da visita, foram mobilizados conhecimentos prévios dos estudantes sobre meio ambiente, ciência, método cientifico, universidade (profissões que são obtidas através de uma graduação) e a área de Ciências da Natureza como inspiração.

Foram discutidas questões orientadoras, como: quem produz conhecimento científico? Onde a ciência acontece? Como funciona um laboratório ou departamento universitário? Que profissionais trabalham nesses espaços? Que relações existem entre ciência, meio ambiente e vida cotidiana? Como posso ingressar em uma universidade?

Os estudantes também foram orientados a utilizar registros de campo durante a experiência. O instrumento contemplava espaço para anotações e fotografia sobre o que foi observado, perguntas formuladas, informações consideradas novas, aspectos que despertaram curiosidade e reflexões sobre possíveis relações entre a experiência e os conteúdos estudados em sala.

A segunda etapa correspondeu à participação na Semana do Meio Ambiente da UEPB. Os estudantes tiveram contato com atividades de divulgação científica e com ambientes relacionados ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária.

No Departamento de Biologia, a programação da Semana do Meio Ambiente envolve exposições, jogos, mostras de pesquisas, laboratórios e interação com integrantes da comunidade científica. Em edição registrada pela própria UEPB, estudantes da Educação Básica puderam conhecer diferentes laboratórios e projetos relacionados à biodiversidade, ecologia, biologia marinha, ensino de Biologia e conservação ambiental.

Durante a vivência, buscou-se incentivar os estudantes a fazer perguntas, registrar observações e relacionar as informações recebidas com os conteúdos trabalhados na escola.

A terceira etapa ocorreu após a visita e consistiu na retomada coletiva da experiência. Os registros foram utilizados como ponto de partida para conversas e reflexões sobre aquilo que havia sido observado e aprendido.

ISSN: 2358-8829

Os estudantes foram estimulados a identificar diferenças entre a imagem que possuíam da universidade antes da atividade e a percepção construída após o contato direto com o espaço.

Como fontes de informação para este relato, foram considerados os registros produzidos pelos estudantes, as observações pedagógicas realizadas durante a atividade e as manifestações apresentadas nos momentos de socialização e reflexão.

A análise foi realizada de forma qualitativa e descritiva, buscando identificar recorrências nas percepções apresentadas pelos participantes. Foram estabelecidas quatro categorias analíticas: aproximação com a cultura científica; aprendizagem investigativa e curiosidade; percepção da universidade e repertório vocacional; e educação ambiental e responsabilidade socioambiental.

Os estudantes não são identificados nominalmente neste trabalho. Eventuais imagens dos participantes somente devem ser utilizadas na versão final caso existam as autorizações necessárias, de acordo com as exigências institucionais e do evento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da experiência permitiu identificar quatro dimensões principais: aproximação com a cultura científica; aprendizagem investigativa e curiosidade; percepção da universidade e ampliação do repertório acadêmico e profissional; e educação ambiental e responsabilidade socioambiental.

Na primeira categoria, observou-se que o contato direto com o ambiente universitário favoreceu uma percepção mais concreta sobre os espaços e sujeitos envolvidos na produção científica.

Para muitos estudantes, a ciência é inicialmente associada ao livro didático, ao laboratório escolar (que em sua realidade não tinha) ou à figura do cientista apresentada em vídeos e outros meios de comunicação. A visita possibilitou ampliar essa representação ao mostrar que a produção científica envolve diferentes profissionais, espaços, equipamentos, perguntas e áreas de conhecimento.

A experiência permitiu, portanto, aproximar a ciência do cotidiano dos estudantes e tornar mais concreta a compreensão de que o conhecimento científico é produzido por pessoas e instituições inseridas na sociedade.

A importância da contextualização no desenvolvimento do letramento científico também é discutida por Oliveira et al. (2021), ao analisarem uma experiência de ensino de Ciências fundamentada na articulação entre os conteúdos escolares, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e as questões presentes na realidade social dos estudantes. Os autores identificaram contribuições dessa abordagem para a associação entre conhecimentos científicos e situações cotidianas, bem como para o desenvolvimento do pensamento crítico e investigativo. Essa perspectiva dialoga com a experiência relatada neste trabalho, uma vez que a visita à Universidade Estadual da Paraíba possibilitou aproximar os estudantes de práticas de divulgação científica e de conhecimentos relacionados à biodiversidade e às questões socioambientais. Desse modo,

a vivência universitária pode ser compreendida como uma estratégia de contextualização da aprendizagem, especialmente quando articulada aos conteúdos trabalhados em sala de aula e à reflexão sobre os desafios ambientais presentes na comunidade.

A segunda categoria, relacionada à aprendizagem investigativa e à curiosidade, apareceu especialmente na formulação de perguntas e na disposição dos estudantes para observar os espaços visitados. A preparação prévia teve papel importante. Ao receberem orientações para observar e registrar, os estudantes passaram a participar da visita de maneira mais ativa.

O diário de campo também se mostrou relevante como instrumento pedagógico. O registro permitiu organizar informações, preservar perguntas e posteriormente comparar expectativas anteriores com aprendizagens construídas durante a atividade. Esse procedimento aproxima-se de práticas presentes na investigação científica, nas quais observações e informações são registradas para posterior análise, comunicação e discussão.

A terceira categoria relacionou-se à percepção da universidade e ao repertório acadêmico e profissional. O contato direto com a UEPB possibilitou que os estudantes percebessem a universidade como um espaço mais próximo de suas realidades. A visita permitiu conhecer pessoas, atividades e ambientes relacionados à formação superior, pesquisa e extensão.

Essa aproximação apresenta relevância porque as perspectivas de futuro dos estudantes são construídas também a partir das experiências que vivenciam e das pessoas e espaços que passam a reconhecer como possíveis.

Nesse sentido, conhecer a universidade durante a Educação Básica pode contribuir para ampliar o repertório de possibilidades imaginadas pelos estudantes. Não se trata de afirmar que a experiência determina escolhas profissionais, mas de reconhecer que o contato com diferentes trajetórias pode ampliar horizontes.

A própria UEPB apresenta essas atividades de aproximação como ações destinadas a despertar o interesse de crianças e jovens pela ciência e aproximar a sociedade da produção científica universitária.

Essa dimensão também se aproxima do conceito de identidade científica presente na matriz do PISA 2025. A OECD (2025) considera aspectos como interesse pela ciência, percepção de capacidade para participar de atividades científicas e experiências extracurriculares relacionadas à ciência.

A quarta categoria correspondeu à educação ambiental e à responsabilidade socioambiental.

A Semana do Meio Ambiente constituiu um contexto especialmente favorável para relacionar conhecimentos de Ciências às questões ambientais. A programação universitária permitiu aos estudantes entrar em contato com temas relacionados à biodiversidade, conservação, ecologia e relações entre sociedade e natureza.

ISSN: 2358-8829

Entre os resultados observados durante a visita à UEPB, realizada em junho, destacou-se a ampliação das perspectivas acadêmicas e profissionais dos estudantes. Nos relatos produzidos após a experiência, um dos alunos manifestou o desejo de ingressar no ensino superior e tornar-se professor de Educação Física, enquanto outros demonstraram interesse por áreas como Enfermagem e pela possibilidade de cursar uma graduação.

Essas manifestações evidenciaram o surgimento ou a explicitação de aspirações profissionais que, conforme os relatos, não haviam sido mencionadas anteriormente à visita. Embora esse resultado tenha sido identificado de maneira pontual, sua relevância está na possibilidade de os estudantes reconhecerem novos caminhos para o futuro a partir do contato direto com o ambiente universitário. A experiência também permitiu observar que a aproximação com a universidade pública pode contribuir para ampliar as expectativas dos alunos em relação à continuidade dos estudos, tornando mais concretas possibilidades de formação acadêmica e profissional que anteriormente não faziam parte de suas perspectivas explicitadas.

A experiência favoreceu uma compreensão mais ampla de que os problemas ambientais não são exclusivamente biológicos. Eles envolvem dimensões sociais, econômicas, culturais, tecnológicas e políticas. Nesse sentido, o ensino de Ciências pode contribuir para que os estudantes desenvolvam ferramentas para compreender problemas socioambientais e participar de discussões sobre seus territórios. Também evidenciou o potencial interdisciplinar da aproximação entre escola e universidade. Embora a atividade tenha sido desenvolvida a partir do ensino de Ciências, os estudantes mobilizaram leitura, escrita, comunicação, observação, interpretação e reflexão sobre projetos de vida.

Outro aspecto importante foi a valorização dos espaços educativos para além da sala de aula. Jacobucci (2008) aponta a importância dos espaços não formais para a formação da cultura científica. No caso da experiência relatada, a universidade assumiu uma função de mediação entre conhecimentos acadêmicos e estudantes da Educação Básica.

Entretanto, a experiência também demonstrou que o simples acesso ao espaço universitário não garante aprendizagem significativa. A visita precisa estar articulada a objetivos pedagógicos, conhecimentos prévios e atividades de preparação e sistematização.

Uma visita sem intencionalidade pode produzir apenas uma experiência momentânea. Quando acompanhada por perguntas, registros e discussões, entretanto, pode transformar-se em uma situação de aprendizagem investigativa.

Outro resultado observado foi a importância da continuidade. Uma experiência pontual pode despertar curiosidade, mas seus efeitos pedagógicos podem ser ampliados quando a escola dá continuidade às questões levantadas durante a visita. A experiência pode, posteriormente, originar pesquisas escolares, entrevistas com pesquisadores, projetos de educação ambiental, produção de textos científicos, feiras de Ciências, oficinas e ações de divulgação científica.

Do ponto de vista docente, a experiência também contribuiu para ressignificar o papel do professor como mediador entre estudantes, conhecimentos e diferentes espaços educativos. O professor não precisa constituir-se como única fonte de informação. Pode

organizar situações em que os estudantes encontrem diferentes fontes, formulem perguntas e aprendam a avaliar respostas.

A universidade, por sua vez, pode ampliar sua função social ao estabelecer canais permanentes de diálogo com a Educação Básica, contribuindo para a democratização da cultura científica. É importante destacar os limites deste relato. Não foram utilizados instrumentos padronizados para mensurar o nível de letramento científico antes e depois da experiência, nem grupo de comparação ou acompanhamento longitudinal.

Assim, não se pretende afirmar que a atividade, isoladamente, tenha produzido mudanças permanentes nas competências científicas dos estudantes. Os resultados apresentados correspondem à experiência específica e aos registros qualitativos produzidos no contexto da atividade. Ainda assim, os achados indicam potencial pedagógico na articulação entre escola e universidade, especialmente quando a experiência é planejada como parte de uma sequência didática.

A principal contribuição da proposta está justamente na possibilidade de aproximar os estudantes de um ambiente no qual o conhecimento científico está sendo produzido, comunicado e discutido.

Dessa forma, a universidade deixa de ser percebida apenas como um espaço destinado ao futuro e passa a constituir-se como um ambiente educativo acessível no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência “Um Encontro com o Futuro: letramento científico e aproximação entre escola e universidade” evidenciou o potencial pedagógico da articulação entre Educação Básica e universidade para ampliar as experiências de aprendizagem em Ciências. Ao participar de uma atividade na Universidade Estadual da Paraíba, estudantes do Ensino Fundamental II da rede municipal de Campina Grande-PB tiveram a oportunidade de conhecer espaços, sujeitos e práticas relacionados à produção e divulgação científica.

Os resultados analisados apontaram quatro contribuições principais: aproximação com a cultura científica; fortalecimento da curiosidade e de atitudes investigativas; ampliação da percepção sobre a universidade e sobre possibilidades acadêmicas e profissionais; e aprofundamento de reflexões relacionadas às questões socioambientais. Esses aspectos dialogam com as competências previstas para uma educação científica contemporânea, especialmente aquelas relacionadas à investigação, avaliação de informações, argumentação e participação diante de problemas socioambientais.

A principal contribuição da experiência está menos no caráter excepcional da visita e mais na possibilidade de integrá-la a uma sequência pedagógica intencional. Preparar os estudantes, oferecer questões orientadoras, registrar observações e realizar uma sistematização posterior foram procedimentos fundamentais para transformar a vivência em aprendizagem.

Para a comunidade escolar, a proposta pode ser ampliada por meio de novas parcerias com universidades, institutos de pesquisa, museus, laboratórios, parques, unidades de conservação e projetos de extensão.

Para as universidades, experiências dessa natureza reforçam a importância das ações de divulgação científica e extensão voltadas à Educação Básica.

Para os estudantes, a continuidade dessas ações pode contribuir para fortalecer vínculos com a ciência, ampliar repertórios e possibilitar novas formas de compreender a universidade e seus diferentes caminhos formativos.

Como perspectiva futura, recomenda-se desenvolver novas experiências de aproximação entre escola e universidade acompanhadas por instrumentos de avaliação qualitativa e quantitativa que permitam investigar mudanças nas percepções dos estudantes sobre ciência, universidade, meio ambiente e projetos de vida.

Conclui-se que aproximar a escola da universidade significa aproximar os estudantes de possibilidades concretas de conhecimento, investigação, formação e participação social.

O encontro com o futuro, nesse sentido, começa no presente: quando o estudante percebe que pode perguntar, investigar, conhecer espaços científicos e reconhecer-se como sujeito capaz de aprender e participar da construção de soluções para os desafios de seu território e de sua sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos estudantes participantes da experiência, à comunidade escolar, aos profissionais e pesquisadores envolvidos na programação da Semana do Meio Ambiente e à Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade de aproximação entre Educação Básica, ciência, universidade e sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008.

OECD. **PISA 2025 Science Framework**. Paris: OECD, 2025. Disponível em: https://pisa-framework.oecd.org/science-2025/. Acesso em: 29 set. 2026.

OLIVEIRA, Linaldo Luiz de; BARROS, Adrianne Teixeira; LUNA, Karla Patrícia de Oliveira; et al. Aulas remotas e letramento científico: um relato de experiência. Revista Interação, v. 21, n. 1, p. 198-220, 2021. DOI: https://doi.org/10.53660/inter-84-s302. Acesso em: 29 set. 2026

SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2011.

SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Construindo argumentação na sala de aula: a presença do ciclo argumentativo, os indicadores de alfabetização científica e o padrão de Toulmin. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 1, p. 97-114, 2011.